



Sindicato patronal comemora retirada de direitos conquistados pelo trabalhador

Na contramão da sofrível situação que vivem os vigilantes no país, o Sindicato das Empresas de Segurança Privada, Segurança Eletrônica e Cursos de Formação do Estado de São Paulo (Sesvesp) ri a toa. Isso porque o grupo que representa os interesses de patrões e empresários está unido e com objetivos bem definidos: extrair o maior lucro possível de sua mão de obra, custe o que custar e doa a quem doer.

Em janeiro aconteceu a eleição da nova diretoria do Sesvesp para mais quatro anos (2018-2022). Sem oposição, o grupo liderado pelo empresário João Eliezer Palhuca venceu o pleito e, para comemorar, Palhuca disse, em entrevista à revista da Sesvesp, que a união do sindicato dirigido por ele permitiu que a negociação fosse boa para os patrões. “Toda a diretoria se empenhou e teve total autonomia para discutir, negociar

e referendar resultados. A maior prova disso foi a melhor negociação salarial realizada neste ano”, declarou.

Oras, se a negociação foi boa para os patrões é sinal de que os trabalhadores tiveram prejuízo.

De fato. Segundo o presidente do Sindicato dos Vigilantes de Barueri, Amaro Pereira de Souza, a falta da unidade dos trabalhadores - com divisões na categoria - a baixa participação dos vigilantes e o enfraquecimento dos sindicatos resultou numa negociação ruim.

No esteio dos prejuízos veio a reforma Trabalhista que entrou em vigor em junho de 2017 e tirou dos vigilantes direitos adquiridos como o feriado em dobro e tempo de horário de almoço, além de reajustar o valor do Plano de Saúde.

“O presidente do sindicato patronal não está errado em brigar pelos inte-

resses dos empresários”, diz Amaro. “É o papel dele”, continua. “Mas e nós, até quando iremos ficar de joelhos? Até quando estaremos desunidos e preocupados com picuinhas?”, desabafa.

O presidente do Sindicato dos Vigilantes defende data-base eunificada entre todos os trabalhadores e maior transparência no processo de negociação, sempre priorizando a participação do trabalhador. “Buscamos uma maior unidade e participação maciça dos trabalhadores para que as conquistas sejam asseguradas”, diz. Ele lembra que começa agora uma nova Campanha Salarial e a participação de todos é fundamental para que haja conquistas. “Mais um ano de negociações salariais boas para os patrões não dá. Ou os vigilantes acordam ou continuaremos sendo motivo de chacota de empresários e sindicatos patronais”, finaliza.

(2014-18). “Não houve personalismo nestes primeiros quatro anos à frente do SESVESP! Toda a diretoria se empenhou e teve total autonomia para discutir, negociar e referendar resultados. A maior prova disso foi a melhor negociação salarial realizada neste ano”, constatou ele.

SESVESP SEGUE UNIDO POR MAIS QUATRO ANOS

NOVA DIRETORIA É ELEITA POR ACLAMAÇÃO E ENFRENTARÁ DESAFIOS PARA FORTALECER O SETOR

A chapa SESVESP Unido segue por mais quatro anos (2018-22) à frente do Sindicato das Empresas de Segurança Privada, Segurança Eletrônica e Cursos de Formação do Estado de São Paulo. A escolha ocorreu em 16 de janeiro, por aclamação. Sem que houvesse oposição, a harmonia prevaleceu, em consequência do reconhecimento de um trabalho de mérito, que será mantido por mais um mandato.

João Eliezer Palhuca, presidente reeleito do SESVESP, disse em seu primeiro pronunciamento após a aclamação do resultado do pleito que, em hipóte-

se nenhuma, poderia deixar de agradecer nominalmente a toda a diretoria que fez parte da sua primeira gestão

(2014-18). “Não houve personalismo nestes primeiros quatro anos à frente do SESVESP! Toda a diretoria se empenhou e teve total autonomia para discutir, negociar e referendar resultados. A maior prova disso foi a melhor negociação salarial realizada neste ano”, constatou ele.

Ao assumir o cargo em 2014, no seu primeiro mandato, Palhuca disse que a missão da diretoria recém-empoadada era a busca do Sindicato ser ouvido e respeitado e que o objetivo principal

consistia em construir um caminho favorável e amigável para a Segurança Privada se desenvolver como atividade organizada. Ao longo dos últimos quatro anos, o trabalho de representação sindical e de luta pelo fortalecimento da entidade ganhou destaque não só no meio mas, sobretudo, no âmbito de espaços editoriais de grandes veículos de comunicação do país.

Além disso, em outras bandeiras e discussões de defesa, o SESVESP esteve à frente do segmento, dando o tom das argumentações e levando segurança jurídica para o empresário paulista da Segurança Privada. ■



Sindicato diz que perdas salariais serão maiores caso não haja participação dos trabalhadores

A baixa participação dos trabalhadores na luta por direitos preocupa a diretoria do Sindicato dos Vigilantes de Barueri. E agora, momento em que se inicia a discussão da nova Campanha Salarial rumo à Convenção Coletiva, a falta de engajamento dos trabalhadores é um desafio a ser superado.

De acordo com os diretores do Sindicato, Paulo Messias da Silva e Nailton Santos Motinho, a convenção é um contrato de trabalho coletivo que beneficia todos os trabalhadores. Entretanto, eles lembram que o trabalhador precisa participar de todo o processo, seja ele sócio

ou não, senão a convenção fracassa. “O vigilante precisa entender a importância de participar do início ao encerramento da Campanha Salarial. Este é um ano instável para todos e o sindicato patronal está unido. Se continuar assim é possível que a gente conquiste menos do que conquistou até hoje”, diz Paulo.

Nailton, por sua vez, lembra que diante da atual conjuntura não há garantias para os atuais e nem para os futuros vigilantes e que os trabalhadores precisam criar um bloco para buscar as melhorias. “A Reforma Trabalhista ditou as regras

da Convenção Coletiva do ano passado. O resultado não foi o ideal, a gente reconhece, mas foi aceitável diante do cenário adverso que enfrentamos e sem a participação dos trabalhadores. Precisamos de muito mais e por isso é importante a participação de todos. A força está em nossas mãos”, afirma.

Para eles, é preciso dialogar mensalmente sobre direitos até o dia da Convenção Coletiva. “Para uma Campanha Salarial forte é essencial a unidade e a participação dos trabalhadores. Não se faz pão sem fermento”, finalizam.

Da direita para a esquerda a diretoria do sindicato: Amaro, Paulo e Nailton



#RESPEITEOVIGILANTE